

Nossos saberes experienciados sobre as cidades: uma construção afetiva e tensa a partir das urbes que habitamos

Our experienced knowledge about cities: an affective and tense construction from the urban spaces we live in

Wallace Rodrigues^a.

^aUniversidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. E-mail: walacewalace@hotmail.com

Resumo: Busco, por meio deste artigo e a partir de impressões afetivas pessoais, levantar reflexões sobre cidades onde habitei e como elas se constituíram como espaços humanos. A partir de fatos históricos e reformulações urbanas, considero que as cidades tenham me afetado, deixando em mim marcas em quem sou hoje. Isso pode revelar que as cidades onde vivemos também fazem parte de nossas constituições pessoais e deixam rastros em como vemos o mundo e sentimos os espaços. Se a afetividade é um forte elemento para nossa constituição como sujeitos, percebo como as cidades também ajudaram a moldar quem sou hoje e como as vejo. Aqui busco questionar os saberes e afetos a partir dos pertencimentos das/nas cidades onde habitei.

Palavras-chave: Cidades; Construção afetiva; Constituição dos sujeitos; Espaços.

Abstract: I seek, through this paper and from personal affective impressions, to raise reflections on the cities I have lived in and how they were constituted as human spaces. From historical facts and urban reformulations, I consider that cities have affected me, leaving in me marks of who I am today. This may reveal that the cities where we live are also part of our personal constitutions and leave marks on how we see the world and feel spaces. If affectivity is a strong element in our constitution as subjects, I see how cities also helped shape who I am today and how I see them. Here I seek to question the knowledge and affections from the belongings of/in the cities where I lived.

Keywords: Cities; Affective construction; Constitution of subjects; Spaces.

Submetido em: 05/08/2023

Aceito em: 16/10/2023

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tenta trazer reflexões sobre como as cidades onde habitei ajudaram em minha construção afetiva, em minha constituição como sujeito e em meu olhar sobre essas cidades. Vejo essa troca entre espaços urbanos e pessoas como algo sempre relacional e significativo. Decidi-me por utilizar a primeira pessoa do singular para escrever este texto, já que narra pensamentos

pessoais e que me marcaram profundamente.

Percebo que as cidades ajudam a nos moldar a partir de suas construções espaciais e dos seus usos dos espaços, que sempre podem ser modificados com o passar dos tempos. Lugares marcantes em cidades serão sempre os lugares com os quais tivemos contato de maneira muito estreita, ímpar e que nos deixaram memórias, onde nossa vida foi acontecendo de maneira “natural”, mas

emotiva. Essas memórias também ajudam na construção dos sujeitos e auxiliam a definir quem sou hoje.

As cidades nos afetam e isso é uma conclusão a que cheguei após muito pensar sobre elas e a tentar teorizar sobre os espaços urbanos onde habitamos. As cidades nos afetam profundamente! E a partir daí, a importância do planejamento urbano dos espaços é de fundamental relevância para todos que nela habitam e que as constroem. São os seres humanos que habitam as cidades, mas são poucos os que a planejam. Daí a necessidade de pensar como as cidades ajudaram a constituir a cada um de nós.

Além disto, as cidades atuais devem ser pensadas para abrigar os grupos mais diversos, ofertando possibilidades de vida saudável, acessível, sustentável e proveitosa para mulheres, crianças, LGBTQI+, negros, indígenas, estrangeiros, enfim, todos aqueles que buscam em seus espaços habitam.

2 CONSTRUÇÕES AFETIVAS DOS SUJEITOS NAS CIDADES

As cidades nos impressionam por serem espaços onde as pessoas escolhem para estar, trabalhar, habitar, se divertirem etc. Mas as cidades não nasceram do nada. Elas foram regiões escolhidas para serem habitadas ou as áreas onde foram instaladas ofereciam condições propícias para determinadas atividades. Uma coisa é clara: as cidades, em seu nascimento, foram crescendo perto de lugares com água potável (ou, pelo menos, aproveitável), além de serem construídas ao lado de rios, baías, mares, lagoas etc, e em lugares que poderiam ser protegidos das mais diversas ameaças.

Neste trabalho, busco pensar sobre as cidades como espaço de habitação humana, ou seja, onde as pessoas interagem socialmente a todo momento. Assim, as cidades são pensadas aqui, primeiramente, como espaços de relações

sociais em um mundo globalizado. Sobre essa situação de globalização e suas tensões, Adão Oliveira diz-nos que:

A ampliação das desigualdades sociais resultantes desse processo (visível na divisão do planeta entre hemisfério norte e hemisfério sul, na divisão dos países entre o urbano e o rural, na divisão do espaço urbano entre o centro e a periferia) e a degradação da natureza em função dos modelos de produção predatórios marcaram o final do século XX e produziram a face do fenômeno designado como globalização. (Oliveira, 2012, p. 6)

E se pensarmos nas cidades como lugares de relações sociais, devemos entender que elas também são lugares onde o poder é constantemente exercido. Como nos diz Foucault:

Quando digo “o poder”, não digo absolutamente uma instância, uma espécie de potência que estaria oculta ou visível, pouco importa, e que difundiria sua influência nociva através do corpo social ou que estenderia sua rede de forma fatal. Não se trata de uma rede que aprisionaria cada vez mais a sociedade e os indivíduos. Não se trata disso. O poder não é uma coisa. O poder são relações. **O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro.** E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus. (Foucault, 1981, s.p, grifo nosso)

Vale lembrar que Michel Foucault lutou, em seus trabalhos teóricos, pelos direitos humanos e sociais das pessoas de sua época, elevando as discussões sobre os sistemas carcerários, os feminismos, o anti-psiquiatria, entre outros relevantes temas ético-sociais. Importavam-lhe as identidades individuais e as comunidades vulnerabilizadas socialmente. Ele entendeu que os sujeitos acabam por tornarem-se oprimidos pelas várias estruturas sociais de poder. Ele focou em uma dimensão menos jurídica das estruturas sociais do homem ocidental, mas não menos

importante nas discussões sobre os discursos de poder instaurados sutilmente em nossas sociedades e por meio de nossas relações.

Neste caminho, penso que as cidades também são espaços onde relatos alternativos aos discursos hegemônicos de poder podem ocorrer e se dar de maneira muito contundente, como, por exemplo, por meio das pichações urbanas nas grandes cidades. Questionar poderes sociais estruturados e estruturantes pode valer como passo inicial para criar políticas públicas de maior acessibilidade de todos os grupos sociais aos espaços urbanos das cidades.

A partir daqui, dou exemplos de cidades onde habitei por alguns períodos, como Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Londres, Largs, Amsterdam, Glasgow, Tocantinópolis e Araguaína, entre outras que não citarei aqui. Escolhi algumas que, creio eu, vejo como relevantes para os pensamentos que aqui formulo sobre o pensar as cidades a partir de meus pertencimentos a elas e minhas ligações afetivas a alguns dos seus espaços.

O Rio de Janeiro foi, historicamente, uma cidade criada numa lógica de defesa contra as ameaças vindas do mar (piratas, conquistadores, saqueadores etc), onde um espaço central (onde hoje é o Paço, na Praça XV de Novembro) podia ser alcançado rapidamente para a defesa da cidade. As ruas do centro da cidade, em quarteirões retangulares e/ou quadrados, dão um ar de planejamento à cidade antiga. No entanto, essa escolha se deu por conta da melhor defesa da cidade. Aliás, para alcançar o Paço, em frente ao principal porto da cidade, necessitava-se entrar na Baía de Guanabara e passar pelos fortes que a protegiam (fortes estes que, algumas vezes, não conseguiram defender satisfatoriamente a referida urbe).

Considerada, por séculos, como uma cidade suja e cheia de doenças tropicais, o Rio de Janeiro era um porto onde poucos marinheiros desejavam aportar. Apesar da

beleza das paisagens, a escravidão era outro ponto social que chocava os viajantes, como aconteceu com o pintor e ilustrador francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que visitou o Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX

Tudo assenta, pois, neste país, no escravo negro; na roça, ele rega com seu suor as plantações do agricultor; na cidade, o comerciante fá-lo carregar pesados fardos; se pertence ao capitalista, e como operário ou na qualidade de moço de recados que aumenta a renda do senhor. **Mas sempre mediocrementemente alimentado e maltratado** (Debret, 1839, apud Costa, 2009, p. 224, grifo nosso).

A urbe de São Sebastião do Rio de Janeiro cresceu desenfreadamente e para todos os lados, tornando-se poderosa com a vinda de Dom João VI (em 8 de março de 1808) e sua elevação a Capital Imperial, Distrito Federal, Estado-Capital ou Capital de Estado, tirando de São Salvador da Bahia o posto de antiga capital.

Tentando ter ares parisienses no século XIX, o Rio de Janeiro passa pela Reforma Pereira Passos, entre os anos 1853 e 1870, modificando vários espaços do centro da cidade (modernizou a Zona Portuária, criou a Avenida Central, a Avenida Beira-Mar e a Avenida Maracanã, adaptando a cidade para os automóveis).

Ainda, vale lembrar a importância das ordens religiosas católicas no centro do Rio de Janeiro, marcando fortemente a paisagem. Deixo aqui três exemplos: o Convento de Santa Teresa (de século XVIII), o Mosteiro de São Bento (fundado em 1590) e o Convento da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência (de 1619). Essas construções religiosas sempre deixaram suas marcas na cidade e aparecem em muitas pinturas, desenhos, ilustrações, fotografias etc. Elas revelam o fervor da cidade por seus santos católicos e a força da Igreja Católica na região. No mesmo caminho devocional, o Rio de Janeiro recebeu uma grande quantidade de pais e mães de santo de Candomblé,

vindos do Estado da Bahia, dando mais uma faceta de fervor à cidade, a partir da primeira metade do século XIX.

Mas, apesar de todo crescimento desordenado do Rio de Janeiro, principalmente a partir dos começos do século XX, a cidade conservou um certo ar de beleza. É impossível não apreciar a cidade a partir de seus vários mirantes e não compreender a inusitada estética que o mar, o verde e as montanhas desenham para o Rio.

No entanto, o crescimento desordenado da cidade do Rio de Janeiro acabou por fomentar inúmeras áreas suburbanas habitadas por populações que não podiam comprar imóveis nas áreas mais centrais. Os vários subúrbios cariocas, muitas vezes distantíssimos, e cidades vizinhas superpopulosas e sem o menor planejamento (como Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Queimados, São João do Meriti, entre outras) revelam a faceta histórica de ocupação da região para a exploração de suas riquezas e sem a menor preocupação com um planejamento urbano e populacional adequado às necessidades das pessoas.

A cidade de Duque de Caxias, fundada em 1943, era somente uma margem longínqua e inabitada da Baía da Guanabara. A Igreja de Nossa Senhora do Pilar (de 1720), construção colonial às margens do antigo porto de Pilar do Iguaçu, dava as primeiras lições sobre o povoamento da região e sobre a exploração das riquezas dali. Mas foi com o crescimento da cidade do Rio de Janeiro que Duque de Caxias tornou-se cidade dormitório para os empregados das várias indústrias e comércios cariocas, tornando-se, ela mesma, um importante polo comercial para atender a uma população de baixa renda e que necessitava de uma imensa gama de produtos e serviços.

A falta de planejamento urbano e populacional marcou o crescimento de Duque de Caxias. Suas ruas do centro

sempre foram estreitas para a grande quantidade de pessoas e automóveis que ali se concentravam. Seu vibrante comércio sempre me impressionou pela quantidade de pessoas que se movimentavam em suas ruas. De tudo pode se encontrar nos comércios de Duque de Caxias. Muitos pais e mães de santos também se instalaram na região, pois os terrenos, para se construir um terreiro, eram mais baratos que aqueles dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. Um desses pais de santo a se instalar em Caxias foi o famoso Joãozinho da Goméia, trazendo várias celebridades da época para seu terreiro no bairro do Corte 8 (Rodrigues, 2019). Duque de Caxias me fez respeitar as mais variadas religiões que transitam espaços cerimoniais e espirituais da cidade.

Outra cidade que me chamou atenção foi Amsterdam, onde morei e trabalhei por alguns anos de minha vida. Amsterdam é a capital do Reino nos Países Baixos, mais conhecida como Holanda. Uma cidade marcada pelo comércio colonial e um dos portos mais importantes dos séculos XVII e XVIII. Seus canais deram o alinhamento das ruas e o centro da cidade é um intrincado desenho de canais em semicírculos e de pontes por todos os lados. É uma cidade bastante visitada por turistas durante o verão e continua em sua toada de ser uma cidade internacional, recebendo pessoas dos mais variados cantos do mundo. No entanto, Amsterdam sempre foi vista por muitas pessoas como uma cidade de passagem.

Conhecida como um porto multicultural, desde o período colonial holandês, onde vários povos comerciantes se encontravam, é uma cidade do “viva e deixe viver”, sempre aberta ao novo, sempre culturalmente vibrante. Não é à toa que Amsterdam é conhecida também pela variedade de restaurantes com cozinhas de mais de 200 países e culturas. No entanto, a cidade, por ter uma forte vocação portuária e comercial, sempre é

vista como lugar de passagem, de não-permanência por muito tempo.

Um dos locais mais emblemáticos da cidade é o Vondelpark. Sua localização bastante central faz com que as mais diferentes tribos urbanas utilizem este parque como espaço de lazer nos dias mais quentes do ano. Aliás, Amsterdam, como muitas outras cidades europeias do norte, enche-se de vida e cores durante os dias mais iluminados do verão.

Em Amsterdam tive contato com pessoas de várias partes do mundo, e isso me ajudou a compreender costumes e culturas diferentes, a lidar naturalmente com a diversidade. Trabalhar em ambientes internacionais na cidade foi um dos maiores aprendizados de convivência que já tive.

Da Holanda, parti para Londres para buscar trabalho após o fim de uma relação amorosa. Londres me acolheu no verão e foi bondosa comigo. Passei muito por seus parques e pubs, mas não encontrei trabalho na cidade. Aliás, durante o verão europeu as pessoas estão de férias e a oferta de trabalhos é parca. Londres é uma cidade cara para viver, mas também muito instigante (como Amsterdam). Tive ótimos momentos em Londres, mas poucas chances de um trabalho que eu quisesse realmente pra mim.

Uma agência de empregos me chamou para uma entrevista na Escócia. Cheguei em Glasgow num lindo dia de sol. Peguei o trem para a estação IBM Greenock e adorei as casas feitas de blocos de pedras avermelhadas que admirava das janelas do trem. Vi o rio Clyde e suas múltiplas paisagens. Aquilo me tocou muito. Aliás, as paisagens sempre me tocam profundamente e a combinação de verdes pastos, castelos antigos, o rio Clyde e os reflexos na água sempre me pareceram encantadores.

Fui chamado para o trabalho e me mudei para Largs, uma cidade próxima à Greenock, onde estava instalada a IBM. Largs era uma pequena cidade fundada

por Vikings na costa oeste da Escócia. Ficava perto de meu trabalho e eu compartilhava apartamento com um jovem dinamarquês e um finlandês. Num ambiente internacional, como era aquele da IBM, o inglês era a língua de todos nós. No entanto, eu, como trabalhava com muita gente que falava Espanhol, acabei por melhorar muito minhas habilidades nesta língua. Encontrei muitas amigas na IBM, todas espanholas, e com quem tenho contato até hoje.

Largs mostrou-me a boa qualidade de vida de uma cidade pequena do norte do Reino Unido, apesar da falta de opções de lugares para os jovens saírem à noite. É uma cidade a quarenta e cinco minutos de Glasgow, indo de trem, e bastante turística. Entre o mar e as montanhas, Largs revela-se como uma linda cidade pequena da Escócia.

Depois da pequena Largs, morei no centro de Glasgow, sempre compartilhando apartamento com colegas de trabalho. Glasgow é uma cidade vibrante, com gente amistosa e divertida. No entanto, morar em cidades grandes no Reino Unido mostrou-se extremamente caro. Meu salário não era dos mais altos e o custo de vida era elevado. Ainda assim, Glasgow, que sempre me pareceu bem estruturada, tinha seus problemas de moradia para os mais vulneráveis socialmente.

Retornei ao Brasil em 2010 e fui morar com minha mãe em Niterói. Como a cidade do Rio de Janeiro, Niterói, que já foi a capital do Estado do Rio de Janeiro, sofreu com a falta de planejamento para as populações mais vulneráveis de trabalhadores. Além de ter alguns bairros bastante agradáveis e o Campo de São Bento (parque muito conhecido e frequentado em Icaraí), a cidade tem muitas praias, que servem de espaços de lazer para todas as pessoas. A praia é um dos poucos lugares onde a discriminação por classe social parece se liquidificar um pouco mais no Brasil.

De Niterói fui para Tocantinópolis (antigo aldeamento chamado de Boa Vista do Tocantins), cidade ribeirinha ao norte do Estado do Tocantins. Colonizada por religiosos com o objetivo de catequizar os indígenas Apinayé, a cidade cresceu a partir das margens do rio Tocantins, sofrendo com as inúmeras enchentes e vazantes do rio. A construção da Usina Hidroelétrica de Estreito, em 2012, que fica na fronteira entre os Estados do Maranhão e Tocantins, alterou grandemente a paisagem e as variações do nível do rio Tocantins.

Sobre a formação social em Tocantinópolis, no século XIX, Regina Padovan (2011) informa-nos que esse era um “lugar de fronteira”, povoado por missionários que desejavam a catequese dos indígenas e os então fazendeiros e proprietários de terras.

No conjunto dos aspectos que caracterizaram um —lugar de fronteira— o destaque à política dos aldeamentos e da catequese indígena adotada pelas missões religiosas dos capuchinhos nos anos de 1840, representada na polêmica figura do frei Francisco do Monte São Vitor e, posteriormente exercida pelos padres dominicanos, nos anos de 1890. No movimento de ocupação e povoamento da região a organização dos aldeamentos pelas missões da catequese indígena sedimentou-se no estabelecimento do poder político por parte dos fazendeiros e proprietários de terras, na esteira de um processo civilizador implementado pelas medidas administrativas da Província. (Padovan, 2011, p. 199).

A cidade de Tocantinópolis tem grande influência da cultura indígena, principalmente dos Apinayé. Estes indígenas dão uma vida diferente a esta cidade (assim como os Xerente o fazem na cidade de Tocantínia, e os Krahô em Itacajá), apesar de poucos viverem na área urbana de Tocantinópolis. Produtos agrícolas vindos das aldeias Apinayé deixam claro que estamos dentro de uma cidade na área da Amazônia Legal e de

grande influência indígena do grupo cultural Timbira¹.

Ainda, as experiências sensoriais de viver na região amazônica são indescritíveis! As paisagens do cerrado que se mistura à vegetação da floresta amazônica, numa zona de confluência de biomas, e o rio Tocantins, com suas grandes quantidades de água, desenham uma paisagem poética e agradável para o lazer e o olhar.

De Tocantinópolis vim para a cidade de Araguaína. Com cerca de 200 mil habitantes, tida como uma cidade mediana da Amazônia Legal, Araguaína tem fundação recente, de 1958. Uma cidade que tenta ter ares provincianos, apesar de sua população de duas centenas de milhares. Araguaína tem um aeroporto com poucos voos semanais, não tem um grande Shopping Center (diferentemente de outras cidades da região e do mesmo tamanho, como Marabá/PA, Imperatriz/MA e Parauapebas/PA, por exemplo), tem claros problemas de escoamento de águas quando as chuvas amazônicas a atingem, entre outros pontos problemáticos relacionados à falta de planejamento em uma cidade urbana na Amazônia.

Também, Araguaína é uma outra cidade amazônica que teve forte influência indígena em sua criação, mas que a foi perdendo com o tempo, conforme foi crescendo:

A história de Araguaína nos remete a uma característica marcante desse município, os imigrantes, no final do século XIX, um grupo recém-chegados do estado do Piauí teria ocupado um território às margens do Rio Lontra. Inicialmente recebeu o nome de “Livra-nos Deus”, devido a pouca ou nenhuma estrutura urbana e aos constantes ataques promovidos por povos indígenas que já ocupavam essa região [...]. Nesse período, as atividades econômicas eram baseadas no extrativismo e agricultura e a população era predominantemente composta por índios Carajás. (Lima, 2020, p. 84).

Vemos que as cidades urbanas na floresta amazônica tiveram suas formações marcadas pelas culturas dos indígenas da região e que acabaram por incorporar hábitos e costumes destes povos, apesar de ainda manterem alguns preconceitos em relação aos indígenas (isso, creio, por pura falta de informação sobre a riqueza cultural que os indígenas nos forneceram e fornecem ainda hoje).

Vale pensar sobre os tipos de cidades em que habitamos. Temos as cidades naturais (surgiram e se desenvolveram sem um planejamento prévio) e as planejadas (constituídas e executadas a partir de um projeto ou plano diretor). Ainda, de acordo com as atividades econômicas, as cidades podem ser industriais, comerciais, portuárias, turísticas, religiosas ou históricas, conforme os próprios nomes já as definem. No entanto, uma cidade pode ser conhecida por mais de uma dessas atividades econômicas.

É possível entender que cidades com as ruas estreitas, dificultando a mobilidade e o fluxo de pessoas, são cidades que não tiveram um planejamento previamente pensado e que acabaram sofrendo as pressões de construção que até hoje causam inconvenientes. Já as cidades planejadas, previamente pensadas a partir de um plano diretor, são executadas para um determinado número de habitantes e pessoas que por elas passam. Essas últimas têm ruas mais largas, espaços específicos para atividades (comerciais, industriais, de lazer, escolares, residenciais etc) e determinadas funções sociais (festividades, feiras locais etc).

Apesar do planejamento prévio de uma cidade, o crescimento acelerado pode não acompanhar as previsões do projeto, como vemos em vários casos pelo Brasil. E, ainda, as cidades planejadas acabaram por não dar conta de todas as “tribos” que nela habitam. Conforme Borges e Rodrigues (2022), as cidades também devem ser pensadas e planejadas para a diversidade, pois

o planejamento urbano e regional deve levar em conta a construção de cidades para a diversidade, incluindo grupos sociais os mais diversos e vulneráveis (Borges; Rodrigues, 2022, p. 17).

É válido, também, compreender que as cidades são locais onde algumas das poderosas forças com as quais a psiquê trabalha operam, como a sexualidade, o pertencimento, os desejos, entre outras. Essas forças agem sobre nós, por meio das cidades onde habitamos ou com as quais temos contato frequente, de forma direta e indireta, “auxiliando” diretamente em nossa formação humana.

Nesta toada, Paulo Freire sempre nos alertou para a necessidade de humanizar as relações por meio de nossas ações (o que também devemos fazer no planejamento das cidades). Ele reflete a partir do ambiente escolar, dizendo que:

A **concepção humanista**, que recusa os depósitos, a mera dissertação ou narração dos fragmentos isolados da realidade, realiza-se através de uma **constante problematização do homem-mundo. Seu que fazer é problematizador**, jamais dissertador ou depositador. Assim como a concepção recém-criticada, em alguns de seus ângulos, não pode operar a superação da contradição educador-educando, a **concepção humanista** parte da necessidade de fazê-lo. E essa necessidade lhe é imposta na medida mesma em que **encara o homem como ser de opções. Um ser cujo ponto de decisão está ou deve estar nele, em suas relações com o mundo e com os outros**. Para realizar tal, superação, existência que é a essência fenomênica da educação, que é sua dialogicidade, a educação se faz então diálogo, comunicação. E, se é diálogo, as relações entre seus polos já não podem ser as de contrários antagônicos, mas de polos que conciliam (Freire, 1997, p. 14, grifo nosso).

Freire (1997) alerta-nos que, para criarmos espaços mais humanos, devemos sempre problematizar esses espaços, suas criações, suas funções, a autoridade de quem os planeja, os controles e suas

organizações estruturais, entre tantos outros pontos importantes na feitura de espaços relacionais humanos.

Portanto, encaro a cidade como um espaço urbano onde o ser humano experiencia coisas que levará para sua vida, pois não passamos ilesos pelas cidades e pelo poder de seus espaços sobre nós e de nossas ações sobre as pessoas e os espaços, pois também agimos nas cidades e das mais variadas maneiras.

Ainda, David Harvey (2000) mostra-nos as ligações relacionais entre urbanização, relações sociais e ambientes materiais (incluo aqui, também, os diversos espaços das cidades) e que estas questões têm forte impacto de tensão sobre nós:

Há muito defendo e continuo argumentando que a compreensão da **urbanização é essencial para a compreensão dos processos e problemas político-econômicos, sociais e culturais**. Mas isso só é verdade se considerarmos a **urbanização como um processo (ou, mais precisamente, uma multiplicidade de processos) produzindo uma mistura distinta de permanências espacializadas em relação umas às outras**. A ideia de que uma coisa chamada cidade tem poderes causais em relação à vida social é insustentável. No entanto, o enraizamento material das estruturas espaciais criadas no curso da urbanização está **em persistente tensão com a fluidez dos processos sociais**, como a acumulação de capital e a reprodução social. Instanciar as relações sociais por meio da transformação dos ambientes materiais também dificulta a mudança. (Harvey, 2000, p. 30, tradução nossa).

Vale lembrar que as cidades onde vivemos nos afetam diretamente, com seu clima, sua cultura, suas ruas, suas praças, suas músicas, suas festas etc. Não saí ileso de cada uma das cidades em que vivi. E compreendo a importância que elas tiveram pra mim, em minha constituição como sujeito atuante no mundo.

Infelizmente, percebemos que a trilogia de dominação colonial, baseada em classe, raça e gênero ainda prevalece na atualidade e no “planejamento” das cidades brasileiras (Rodrigues; Borges, 2023). Percebo que falta-nos uma cultura coletiva de construir leituras positivas a partir das diferenças dentro das cidades, dando espaço, assim, à diversidade de pensamentos e à criatividade na construção de soluções para os mais variados grupos que habitam nossas cidades e seus espaços (Rodrigues; Borges, 2023, p. 290).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vejo que as cidades onde habitei marcaram a minha história e percebo que elas mesmas são constructos históricos, sociais, econômicos, culturais etc. Penso que damos pouco valor aos espaços urbanos por onde andamos e por onde gastamos nossa vida e nosso tempo. Dizendo isto, vejo que o planejamento urbano deve sempre levar em conta as reverberações que os espaços podem ter na constituição afetiva dos indivíduos e na humanização dos sujeitos.

As grandes cidades brasileiras (como, no caso deste escrito, a cidade do Rio de Janeiro) que cresceram desenfreadamente e sem muito planejamento; as grandes cidades europeias (como Londres e Amsterdam), com um pensamento mais apurado sobre como cresceriam; as pequenas cidades europeias (como Largs), bucólicas, turísticas, mas sem muito serviços; as cidades do Tocantins (como Tocantinópolis e Araguaína), com suas fundações marcadamente indígenas, revelam a diversidade de aspectos socioculturais, de formação histórica, planejamentos ou não-planejamentos das cidades mundo afora. Também, as cidades oferecem uma gama diversa de experiências e vivências pelas quais passamos nelas. Questiono, a todo momento, meus saberes vindos destas cidades e como eu passei por elas,

deixando minhas pegadas e marcas (ou não).

Certamente, conhecer e morar em várias cidades foi uma aventura. A adaptação ao novo lugar, espaços desconhecidos até então, coloca-se sempre como uma descoberta do novo, instigando minha curiosidade. Os costumes das pessoas do local, as maneiras de sentar, os hábitos de educação e alimentares, os valores dos locais, entre outros pontos, sempre me chamaram atenção. Daí, talvez, meu grande interesse pela antropologia e por observar as pessoas.

Vejo que nossos pertencimentos às cidades e suas dinâmicas passam por motivações as mais variadas: habitar, estudar, viajar, trabalhar etc. Mas é inegável como os espaços urbanos fazem parte de minha história e de minhas memórias, auxiliando na formação do sujeito que sou hoje e como coloco meu olhar analítico sobre as cidades. Quero acreditar que, como professor, acabei por deixar um pouco de mim nos lugares por onde estudei, lecionei e vivi, mas não tenho certeza se consegui acrescentar muito a estas cidades.

No entanto, não é somente a cidade, seus espaços e suas ações que me atravessa, mas sou eu que também atravesso a cidade e ajo em seus espaços, e com os outros sujeitos que nas cidades estão. Há uma questão de pertencimento humano nessas comunidades que chamamos cidades e que escapam aos planejadores dessas aglomerações.

Perguntar como essas cidades me afetaram, marcando minha história de vida, questionando os meus saberes e afetos a partir dos meus pertencimentos das/nas cidades onde habitei, trabalhei, vivi, faz-me compreender-me como um ser em transformação no mundo, humanizando-nos, bem como nos diz Paulo Freire (1997).

Devo lembrar que as cidades são feitas para seres humanos viverem

harmoniosamente num espaço urbano comum, mas que o respeito deve ser o foco principal para todos. Uma cidade inclusiva e que acolha os mais diferentes grupos deve ser uma cidade pensada para o futuro, já que somos seres que necessitam pertencer e que necessitam de acolhimento.

Termino recordando ao leitor que fiz aqui este exercício de pensar (por meio de minha sensibilidade e criação de sentidos) sobre algumas cidades onde habitei. Esse processo de pensamento e escrita qualitativa a partir de minhas percepções fez com que eu revisasse alguns saberes acerca das cidades aqui descritas e de mim mesmo nelas. Ou seja, as formas de habitar que tive e tenho marcam as cidades por onde passei (como que deixando pegadas ou raízes) e marcam minhas experiências de vida. Assim, continuo refletindo sobre as cidades a partir do meu lugar de homem gay, pai, filho, irmão, primo, professor, entre tantos outros papéis sociais que desenvolvo nelas.

REFERÊNCIAS

BORGES, Thelma Pontes; RODRIGUES, Wallace. **Cidade para diversidade**. Palmas, TO: Editora Universitária - EdUFT, 2022.

COSTA, Thiago. Representações do negro na obra de Jean-Baptiste Debret. **Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina, 13 e 14 de maio de 2009, pág. 221 a 228.

FOUCAULT, Michel. [Entrevista cedida a] Universidade Católica de Louvain. Tradução de Anderson dos Santos. **Clinicand**. São Paulo, 1981. Disponível em: <http://clinicand.com/entrevista-com-michel-foucault/> Acesso em: 25 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. **Revista da FAEBA**. Faculdade de Educação do Estado da

Bahia, Salvador/BA, ano 6, n. 7, p. 9-32, Jan/Jun 1997.

HARVEY, David. **Possible Urban Worlds**. Amersfoort, The Netherlands: Twynstra Gudde Management Consultants, 2000.

LIMA, Marcela Pereira. **Políticas redistributivas em Araguaína**: consequências do Programa Bolsa Família a partir dos dispositivos lei-família-escola. Dissertação (Mestrado do PPGDire) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2020.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. Políticas públicas educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva didática. **SINPRO-DF**. Brasília, Sindicato dos Professores no Distrito Federal, p. 1-9, 2012, Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/texto-4-pol%C3%8Dticas-p%C3%9Abllicas-educacionais.pdf> Acesso em: 23 mar. 2023.

PADOVAN, Regina Célia. **Lugar de escola e “lugas de fronteira”**: a instrução primária em Boa Vista do Tocantins em Goiás no século XIX (1850-1896). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

RODRIGUES, Wallace; BORGES, Thelma Pontes. Refletindo sobre as cidades brasileiras como constructos masculinos: Uma discussão sobre gênero e cidades. **Revista PIXO** - Arquitetura, cidades e contemporaneidade. UFPEL, Pelotas, v. 7, n. 24, p. 278-293, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/5849/5166> Acesso em: 24 mar. 2023.

RODRIGUES, Wallace. Um retrato de Joãozinho da Goméia: algumas considerações sobre religião, gênero, raça e arte. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**. UNIGRANRIO, Duque de Caxias, v. 6, n. 9, p. 41-53, 2019. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index>.

php/amp/article/view/5819 Acesso em: 24 mar. 2023.



WALACE RODRIGUES

Pós-Doutor pela Universidade de Brasília - UnB/POSLIT. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFNT) e da Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLit/UFNT). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins - GESTO e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais, ambos da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) - CAPES/CNPq.

NOTAS

¹“Timbiras, classificação geral que designa os canelas (apaniekra e rankokamecra) kricatis (carcatigês) e gaviões (pukobiê), habitantes do Maranhão; krahô e apinagé, do Tocantins; e gavião (purkategê), do Pará, todos de língua jê. Os xerentes e xavantes, também do tronco marco-jê, hoje habitantes no Estado do Tocantins.” (PADOVAN, 2011, p. 49).